

A MEMÓRIA CORPORAL DO IDOSO: UMA EDUCAÇÃO PARA VITALIDADE

*Pierre Normando Gomes da Silva¹, Sandra Barbosa da Costa², Guilherme Barbosa Schulze³, Dafne Souto Macedo⁴, Eliseu Rossini Farias Dantas⁵, Pollyana Oliveira Formiga de Carvalho⁶, Clécia Rodrigues Fernandes Ribeiro⁷
José Mauricio Figueiredo Júnior⁸*

Resumo: Este trabalho consiste nos primeiros resultados, obtidos em seis meses de execução, do Projeto: “Experiência Sensorial e Aprendizagem do corpo: interface educação-saúde com idosos”. O objetivo é ajudar a devolver ao corpo do idoso, sua função de lugar fundamental de prazer, e contribuir para a educação e para o cuidar da saúde comunitária. A base teórico-metodológica é a corporeidade. Pesquisa participante, concretizada numa prática educativa semanal, num grupo de idosos do programa PAPI da Prefeitura Municipal de João Pessoa, com aulas constituídas por vivências de sensorialidade e reflexões com Balanço de Saber e Círculo de Cultura. Os resultados apontam que esse grupo de idosos tem se entregado aos saberes do corpo: reconhecendo-se na execução dos movimentos espontâneos, tomando consciência das suas ações por meio da re-significação das memórias do vivido.

Palavras-chave: Idoso. Corporeidade. Memória

Introdução

O envelhecimento é um processo natural, progressivo, inevitável e comum a todos os seres vivos, sendo regido por bases fisiológicas cujas alterações determinam mudanças estruturais no corpo e, conseqüentemente funcionais. No ser humano, assume dimensões que ultrapassam o ciclo biológico, acarretando também conseqüências sociais e psicológicas. (PICKLES et al., 2000).

O aumento do número de idosos é um fenômeno mundial, constituindo o segmento que mais cresce na população. Nos países ricos, a idade mínima para considerar uma pessoa como idosa é de 60 anos, enquanto que nos países pobres a faixa etária é de 65 anos. O Brasil, mesmo classificado como país em desenvolvimento, considera, em seu Estatuto do Idoso, como pessoa idosa aquela que tem idade igual ou superior a 60 anos. (BRASIL, 2004). Os dados do IBGE (2002) indicam que 8,6% da população têm mais de 60 anos. Estima-se que em 2020, no Brasil, haverá cerca de 30 milhões de idosos, chegando a representar 13% da população, colocando o Brasil na 6ª posição entre os países mais envelhecidos do mundo, onde a expectativa média de vida do brasileiro passaria de 68,9 para 72,1 anos no mesmo período.

O baixo índice de fecundidade, a queda da mortalidade por doenças infecto-contagiosas, a urbanização, os avanços e emprego de biotecnologias, como vacinas e saneamento básico além da inserção da mulher no mercado de trabalho são alguns dos

¹ Prof. Dr. pertencente ao Departamento de Educação Física (DEF), coordenador do projeto de extensão e coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Corporeidade, Cultura e Educação – LEPEC, do Núcleo de Pesquisas do Movimento Humano – CCS/UFPB, a que este projeto está vinculado.

² Profa. Mda. vice-coordenadora do projeto de extensão, professora do DEF, pertencente ao LEPEC.

³ Prof. Dr. pertencente ao Departamento de Artes Cênicas, CCHLA/UFPB, pesquisador no LEPEC

⁴ Extensionista colaborador, graduanda em Educação Física, pertencente ao LEPEC.

⁵ Extensionista colaborador, graduando em Educação Física, pertencente ao LEPEC.

⁶ Extensionista colaborador, graduando em Educação Física, pertencente ao LEPEC.

⁷ Extensionista colaborador, graduada em Educação Física, pertencente ao LEPEC.

⁸ Extensionista colaborador, graduado em Educação Física, pertencente ao LEPEC.

fatores responsáveis por esse aumento da população idosa no mundo, inclusive no Brasil, gerando repercussões políticas e sociais voltadas às necessidades individuais e coletivas do idoso. Com isso este grupo populacional passou a ser mais observado, mais estudado, sobretudo em relação às questões de saúde, como também é bastante identificado a iniciativa à formação de grupos destinados a oferecer atenção ao idoso.

Nesse sentido, é desenvolvido no Departamento de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba o projeto “Experiência Sensorial e Aprendizagem do Corpo” num dos grupos do Programa de Atenção ao Idoso, da Prefeitura Municipal de João Pessoa, denominado Núcleo Nova Vida, situado no bairro do Castelo Branco, na cidade de João Pessoa/PB. Este, tem como objetivo: devolver ao corpo do idoso, sua função de lugar fundamental de prazer, por meio das experiências de reeducação sensorial e reflexões do vivido; cuidar da saúde comunitária, estimulando o grupo a construir seu presente e seu futuro a partir de seus próprios recursos sensoriais e afetivos; educar os sentidos para que esses idosos mobilizem suas capacidades sensoriais e estabeleçam uma relação mais ampliada com a percepção do mundo.

Em nossa sociedade há uma valorização enorme ao intelecto, produzindo, com isso, pessoas desequilibradas, entre corpo e intelecto. Perdemos a conexão com o nosso corpo: tato e inteligência de discriminar; olfato e respiração; visão e compreensão do mundo; audição e sentimentos sonoros; paladar e experiência cultural. Séculos de negação reduziu nossa experiência corporal, toda sua riqueza e sensualidade, a algo mecânico. (MONTAGU, 1998).

Vivemos, contraditoriamente, uma civilização de repressão ao corpo, não no sentido moral, porque o corpo é o maior objeto mercadológico, mas em termos de potencialidade viva, de redescoberta da própria pessoa: sua unidade restaurada (cognição e afetividade), sua intimidade, sociabilidade e criatividade. As pessoas em nossa sociedade tem sido incapazes de tornar as atividades cotidianas mais dinâmicas e desenvolverem sua “inteligência natural”. (APOSHYAN, 2001). Quando se trata de idosos essa repressão ainda é maior, tanto porque fisiologicamente os sentidos corporais começam um processo de degeneração, quanto no sentido social-moral de não permitir a estes uma vida prazerosa, reservando-lhes apenas o lugar de responsabilidades com netos ou com sociabilidades furtivas. Diante dessa situação social, esta pesquisa participante buscou compreender a seguinte questão-problema: As experiências sensoriais vividas no programa de atividades do Projeto são capazes de re-significar a memória corporal dos idosos, produzindo alegria de viver?

Para isso é preciso definir memória corporal. Sabemos que a memória é uma espécie de “banco de dados”, que lançamos mão para reviver o passado. Memória são marcas, sensações inscritas na trama complexa e sutil de nosso sistema nervoso, constituindo o núcleo essencial da duração subjetiva ou da temporalidade. Está vinculada aos traços dos tempos passados. Para Bernard (1988, p.6), o conceito de memória está relacionado a três formas de temporalidade: conservação, rememoração e identificação. A conservação é a persistência da marca de inscrição de uma passagem quimioelétrica no seio de uma região neuronal do cérebro. Mas essa inscrição só tem duração se for invocada como uma explicação de uma experiência subjetiva. Portanto, memória não é apenas conservação, mas rememoração, provinda de um desejo de transgredir a vivência psicológica do instante, acionando a imagem narcísea que esse desejo se dá, “para tranquilizar e se confortar, em seu poder fantasmático de domínio do tempo” (1988, p.7). Por fim, memória é identificação, na medida em que o rememorado é tomado pelo sujeito como reconhecimento de si mesmo. O sujeito passa a ser constituído pelo reconhecimento de si nas lembranças. Como afirma Castels (1988, p.9), “[...] em sua memória, cada um se reconhece pelo que sempre foi, em sua continuidade, e quaisquer que sejam as mudanças

de aparência”. Nesse sentido, memória é o lugar da lembrança, não apenas inscrição quimioelétrica, mas marca do ser.

Contudo, é preciso fazer uma distinção entre a memória conceitual e a memória corporal. A memória conceitual é representativa, é aquela solicitada quando perguntamos o nome de alguém, uma informação assimilada na palestra anterior, a cidade onde nasceu, um texto a ser recitado. Enquanto que a memória do corpo não advém do plano conceitual, mas do plano sensitivo-afetivo, diz respeito ao que foi sentido, vivido corporalmente, como por exemplo, a memória olfativa, que emerge de repente no presente, ao sentir o mesmo cheiro de uma comida da infância. Essa memória está mais relacionada à terceira função da temporalidade, a da identificação, são as vivências de aprendizagens motoras, de sabores prediletos, de carícias recebidas ou de surras, de acamamento por enfermidades, cheiros de hospital ou de um bom vinho.

Foi essa memória corporal que resolvemos reinvestir nesse projeto, no sentido de estimular sensações agradáveis e desdramatizar as outras, tornando os idosos cada vez mais disponíveis para experimentar o presente e capazes de re-significar más lembranças com o fim de ampliar o plano das relações, da situação e da comunicação. Para Castels (1988, p.9), essa memória corporal é o que foi vivido de modo intenso que deixou marcas no sistema nervoso, inscrevendo “engramas neuronais”. Uma espécie de caminho de conexão sináptica, tornando movimentos, gestos, posturas e feições como hábitos, que aparecem desde que a situação evoque as circunstâncias de sua aquisição.

Soubiran (1988, p.13) descreve a progressão da memória corporal como vivências constitutivas do esquema corporal que permite ao sujeito assumir seu corpo e assegurar-lhe sua autonomia em termos de: reconhecimento da mãe com o sorriso; extensão do território, ligada à posição em pé e ao andar; noções de dor, calor, frio e peso; sentido cinestésico por meio de manipulações e reconhecimentos de diversos objetos em sua forma, contato e peso. Além do mais, essa memória corporal está marcada pelo conteúdo tônico-afetivo do gesto e do sentido muscular, que depende das sensações articulares e periarticulares, e das sensações musculares e tendinosos. Portanto, o tônus e a emoção participam da construção dos traços mnêmicos sensíveis, constituindo os vestígios da vivência antiga.

Este estudo tem como objetivo descrever a capacidade corporal dos idosos em responder as atividades de sensorialidade, analisando essa resposta em termos da relação entre reativação da memória corporal e revitalização. Como desdobramento, temos dois grandes objetivos específicos: primeiro, compreender e fazer os idosos compreenderem como está configurada a corporeidade de cada um, de per si, e do grupo, como um corpo coletivo; segundo, possibilitar uma outra configuração da corporeidade, a partir de uma pedagogia vivencial de contato com a natureza, com as memórias corporais e com a criação de vínculos afetivos grupais.

A nossa teoria de base é a corporeidade (GOMES DA SILVA, 2003), compreendida como a tendência geral dos gestos da pessoa no espaço, delineando uma configuração ou uma fisionomia corporal. Lembramos que a fisionomia não está localizada num traço do rosto, mas na integração de vários traços, tal como a corporeidade não está num movimento isolado, mas no ambiente configurado pelos gestos, pelo fluxo contínuo do mesmo movimento. A esfera da corporeidade é a da horizontalidade, localiza-se na interseção dos gestos. Diz da forma que as ações, reações, posturas, atitudes, silêncios... assumem em relação aos outros sujeitos, à natureza, aos objetos do entorno ou a si mesmo. É o ambiente de comunicação entre o Eu e o Outro, no qual todas as ações (distraídas ou habituais) e inações adquirem significação, exprimem certo interesse e revelam certa tomada de posição em relação à situação.

A corporeidade, portanto, é a forma desenhada pelo encontro entre o “eu” e a circunstância local. É o contorno que a tendência geral dos gestos desenhou numa dada

situação motora. Por isso, entendermos que o ato de movimentar-se engendra sentido, porque ele expressa o modo do homem ser no mundo, ou seja, serve para exprimir que o corpo está no mundo, não como objeto ou idéia, mas como presença viva em movimento, como unidade consciência-corpo e corpo-objeto. O que temos, em termos visíveis, é o corpo movimentando-se no espaço durante um tempo, sob uma determinada forma, mas diferente dos objetos, o movimento humano é experiência vivida, é sensibilidade e expressividade.

A corporeidade é o contorno criado pela experiência do corpo ao dirigir-se à circunvizinhança. Essa trajetória descrita pelos gestos no espaço, entre o eu e o mundo, expressam certa maneira de ser no mundo. A corporeidade, ou contorno espacial dos movimentos, torna-se visível nas tomadas de posições efetivas e na prática do sujeito vivo em face do mundo. Porque são nessas atitudes que ele configura o entorno: animando alguns objetos e adormecendo outros. Assim, os gestos estão sempre localizados nesse espaço comunicativo com o mundo, por isso, o fluxo de movimentos no espaço configura-se num horizonte de comunicação, ou zona de corporeidade, isso ocorre desde o simples uso das roupas, que se tornam anexos do corpo, até às ações habituais que incorporam os instrumentos utilizados. (MERLEAU-PONTY, 1994)

Na corporeidade o corpo não está isolado da mente, mas é corpo-mente, como um todo integrado e indivisível; nem está isolado da existência, das relações sociais, é também corpo-social. E o lugar onde a corporeidade se manifesta é no cotidiano, visto ser aí o lugar de estar no mundo de existência e co-existência (DORIA, 1972), como base da reprodução da vida, onde se dão as trocas energéticas, simbólicas e os vínculos sociais. Corporeidade é a configuração de ser corpo no mundo. Quando dizemos configuração estamos nos referindo a uma forma, uma conformação, uma figura. Essa figura pode ser formada pela posição de dois ou mais elementos, por um conjunto formado por pontos, linhas ou superfícies, pelo funcionamento de um sistema operacional, pelo modo como elementos estão ligados entre si, ou como estão distribuídos nos espaços, ou pela frequência que aparece. Pois bem, nessa compreensão, a corporeidade é configuração das ações e inações do corpo no cotidiano existencial (GOMES DA SILVA, 2007).

Quando definimos a corporeidade como configuração, forma, desenho, estamos dando destaque à aparência do corpo, em movimento ou não, valorizamos a imagem da presença, da posição que o corpo assume no espaço-tempo, do conjunto dos elementos que compõe sua superfície, das ligações estabelecidas nas relações. Estamos na perspectiva do Formismo (MAFESSOLI, 1996), entendendo que a corporeidade é uma forma, ou uma multidão de formas, que exprime a intensidade de uma existência, fazendo sobressair o invisível, o subterrâneo da intencionalidade, da motricidade. E como é forma, têm a ver com o modo de organizar os pontos, os elétrons, as operações, os astros, portanto, tem estilo, a corporeidade se refere à maneira das pessoas se movimentarem no mundo, com uma feição própria, costumeira que se distingue ou se assemelha as demais. É o agrupamento que instaura a forma. Portanto, a forma de ser corpo no mundo é constituída pela justaposição dos elementos característicos e contraditórios entre si, compondo uma beleza.

Corporeidade é uma forma, ou melhor, uma “enformação”, uma agregação de diversas características próprias, constituindo uma unidade, uma totalidade, uma organicidade “onde luz e sombra, funcionamento e desfuncionamento, ordem e desordem, visível e invisível entram em sinergia” (MAFFESOLI, 1998, p.90), produzindo uma estética móvel, uma superfície corpo-social. Desse modo, podemos avaliar a corporeidade pela qualidade do desenho, por sua plasticidade: grotesco, delicado; leve, pesado; gracioso, risível; dramático, cômico; elegante, desajeitado. A configuração é estética, organiza os dados sensíveis: o que vê, o que cheira, o que escuta, o que faz vibrar, a maneira de se

deslocar, de ficar imóvel, em silêncio... esses sentidos se comunicam entre si, evidenciando uma lógica própria (musical, plástica e cinestésica), que possui seus significados existenciais.

Quando pensamos numa hermenêutica da corporeidade passamos a compreender as práticas corporais como obras da cultura (códigos sociais) e do inconsciente (atitudes corporais), a partir dos vestígios do movimentar-se humano, tais como: fisionômicos, posturais, posicionais e relacionais, privilegiando nesses o aspecto estético e sensível de sua ordenação, para apreender seus arranjos narrativos, organizadores da compreensão de si, do outro e do mundo em que está envolvido. De modo que é possível pensar a corporeidade em termos pedagógicos, ao proporcionar vivências, situações educativas para os sujeitos da aprendizagem elaborarem novas configurações existenciais.

A proposta pedagógica experimental, decorrente desta base teórica, visa por meio de vivências possibilitarem um novo configurar da corporeidade pelos idosos, a partir das estratégias de criação de vínculos afetivos grupais: sentir o mesmo cheiro, saborear a mesma fruta, tocar uns nos outros, olhar com afeto, ouvir a mesma música, dançar aos pares. Experiência denominada por Maffesoli (1996, p.71) de *Estética Existencial do Estar-Junto*, isto é “do prazer dos sentidos experimentado em comum”.

Pois é através dos sentidos que experienciamos a nós mesmos, ao mesmo tempo em que estabelecemos contato com o mundo. Todavia, no percurso, muitos de nós perdemos a consciência plena dos nossos sentidos; estes se tornam embotados e nebulosos, e parecem operar automaticamente, desligados de nós. Daí a necessidade de reinvesti-los a partir de uma rememoração corporal dos prazeres e pesares sentidos corporalmente, pois sabemos que todas as sensações deixam traços e se inscrevem na trama complexa e sutil de nosso sistema nervoso: elas constituem a matéria densa ou o núcleo essencial da nossa subjetividade.

Método de abordagem

Ao assumirmos a imanência do sujeito na trama concreta e imediata das atividades sensoriais, elegemos a fenomenologia, como método epistêmico para abordar o problema, porque é a fenomenologia que une o sensível e o inteligível como formas da consciência atribuir significado ao mundo, consciência de mundo-vivido. E por tomar a facticidade e as experiências sócio-emocionais vividas como o lugar da reflexão (redução fenomenológica).

Método de procedimento

Trata-se de uma pesquisa participante (BRANDÃO; STRECK, 2006) porque partimos da realidade concreta do trabalho que desenvolvemos no grupo de Idosos - Núcleo Vida Nova, desde junho/2007. Também é participante porque estabelecemos uma relação horizontal e anti-autoritária entre educadores/pesquisadores e o grupo de idosos, e porque estimulamos a aprendizagem coletiva e o reconhecimento das implicações político-ideológicas da realidade social vivida.

O procedimento de coleta de informações aconteceu durante a metodologia do trabalho de extensão, com 26 aulas práticas, centralizadas nas experiências sensoriais. Essas aulas, com duração de 1H30M, foram divididas em dois momentos: vivências de sensorialidade, a partir de movimentos lúdico-expressivos, e reflexões das vivências, que aconteciam durante o Círculo de Cultura. Todas as aulas foram conduzidas pelo objetivo de elevar o grau de intensidade vivencial, aprofundando a: cognição-motricidade-afetividade-sociabilidade.

Vivência de sensorialidade diz respeito à estimulação de um ou mais sentidos, por meio de manipulação de óleos essenciais, saches de condimentos, gêneros alimentícios, massagem, tudo com o caráter lúdico-expressivo, atividades que ofertam

prazer/descontração e capacidade de comunicação (expressividade). Em todas as aulas estivemos estimulando todos os sentidos, mas a ênfase num sentido se sobressaía a cada aula.

No Círculo de Cultura, técnica freiriana (1980) que trabalha diretamente com a fala e tem como objetivo a conscientização do grupo sobre a vivência. Em todas as aulas, nesse momento, todos estiveram à volta do tema vivenciado no dia, coordenados por um dos professores/pesquisadores que atuavam como facilitador de debates.

Instrumento

Foram utilizadas para coleta de informações as fichas de anamnese, aplicadas no início do projeto, as fichas de avaliação individual, aplicadas no momento do Círculo de Cultura, e o registro sistemático das falas de cada participante em relação às atividades desenvolvidas. Também foi utilizada câmara fotográfica e filmográfica, Kodak EsayShare Z730, com zoom digital 4x optical.

Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são 18 idosos, sendo 17 do gênero feminino e apenas 01 do gênero masculino, na faixa etária entre 61 e 85 anos de idade, participantes do projeto de extensão “Experiência sensorial e aprendizagem do corpo” da Universidade Federal da Paraíba, vinculado ao Departamento de Educação Física e ao Laboratório de Estudos e Pesquisas em Corporeidade, Cultura e Educação do Núcleo de Ciências do Movimento Humano. Os idosos frequentadores deste grupo (junho/2007-junho/2008) estão em plenas condições de inserção social na comunidade e gozam de um estado de saúde que lhes permite manter atividades físicas e intelectuais compatíveis com sua história de vida. São participantes do Núcleo Nova Vida, do Programa de Atenção a Pessoa Idosa, da Secretaria de Desenvolvimento Social, da Prefeitura Municipal de João Pessoa, localizado no bairro do Castelo Branco. Estes sujeitos são moradores da proximidade do bairro, a maioria é da comunidade São Rafael.

Técnica de análise dos dados

A análise e interpretação das falas emergidas nos ciclos de cultura, bem como das respostas na anamnese feita no início do processo, e das observações dos movimentos foram realizadas com base na teoria da corporeidade e da memória corporal, com o fim de identificar as novas configurações da corporeidade que percebemos terem sido acrescidas.

Resultados e Discussão

Chegamos aos resultados a partir da análise das falas dos idosos anunciadas no momento da verbalização do círculo de cultura, em que eram solicitadas reflexões sobre a vivência. Nestas falas são evidenciados memórias, emoções, saudades e sentimentos peculiares de cada sujeito e do grupo. Como demonstração das memórias verbalizadas, destacamos algumas referentes a cada sentido.

Para a audição foram desenvolvidas atividades de sensibilização através de músicas, de sons do ambiente (arrastar de sandálias, choro de criança, ruídos de automóveis), de sons da natureza (pássaros e vento) e de ritmo (danças). Realizamos todas essas atividades, a partir da capacidade delas de silenciarem e se concentrarem nos sons que estavam acontecendo. Destas vivências destacamos os seguintes depoimentos:

- No silêncio senti saudades da minha família;
- Chorei, porque o silêncio lembrou quando vou dormir, que sempre sinto saudades do meu marido que faleceu;
- Lembrei da minha adolescência quando se escutava boas músicas;
- O som me acalmou e me “desstressou”, pois fez esquecer de minha casa;
- Me lembrou a época que morava no interior, pois não tinha essa poluição sonora.

Para o olfato foram desenvolvidas atividades como sentir o cheiro de diversas ervas, óleos essenciais, condimentos e material de limpeza do uso diário. Destas vivências destacamos as falas:

- O cravo e o alho me lembraram a comida do interior;
- O alho lembrou a comida da mãe, em especial o feijão, que somente a mãe sabe fazer;
- O cheiro da manga me lembrou do tempo de infância porque roubava manga;
- O mastruz me fez lembrar de quando era pequena, minha mãe fazia mastruz com leite e mel para curar a tosse.

Para o paladar foram desenvolvidas atividades que faziam sentir o gosto de frutas (manga, mamão, amendoim...), sucos (limão, acerola...), café, chás e biscoitos, entre outros.

- Me lembrei do final do ano que reunia a família ao redor da mesa;
- A manga me lembrou do interior quando subia nos pés de manga para tirar a fruta;
- O mamão é doce e me faz lembrar da casa de meu pai, onde ele plantava mamão. Ele jogava e cantava enquanto comia o mamão;
- O café me lembrou do meu pai que gostava de café. Ele cozinhava o café e tomava um copo de café e fumava;
- O limão tocou minha vida! Pois depois da morte do marido me tornei uma pessoa azeda.

Para o tato foram desenvolvidas atividades como tocar a própria face e a dos outros, ao som de músicas de Bach; tocar as próprias mãos e as dos outros; lavar os pés, uns dos outros; tocar em diferentes materiais para identificar: temperaturas (quente, frio) e texturas (áspero, macio, fofo, seco, úmido). Das experiências do toque, no momento de verbalização, obtivemos os seguintes depoimentos dos idosos:

- A carícia no rosto me fez lembrar de minha mãe, quando cuidava da minha mão doente, no interior;
- Gostei do toque das mãos, o que fez me lembrar do meu primeiro bebê, que alisava e colocava talco;
- Gostei muito das atividades porque nunca tinha feito, principalmente, da carícia no rosto, porque ninguém nunca fez em mim;
- A carícia me lembrou quando meus filhos eram pequenos e os acariciava, hoje me lembro dos netos;
- Me lembrou bastante de uma amiga que estava próximo de morrer, ela fez o mesmo carinho que recebi;
- Lembrei de minha avó, ela era a única pessoa que lhe me dava carinho;
- O lava-pés me recordou Cristo e também meu irmão, que trabalhava e chegava à noite, eu lavava os pés dele com água morna e sabão.

Para a visão foram desenvolvidas atividades como, numa ciranda cantando, olhar uns para os outros, caminhada individual e em dupla, desenhos e pinturas, cujo tema era a representação da própria vida. Destas vivências obtivemos diversas falas, das quais destacamos:

- Observei minhas amigas com os cabelos pintados, estão querendo rejuvenescer e também estão mais cheias de vida;
- Quando eu chego em casa, faço com meu neto todas as atividades que são feitas aqui no grupo;
- Gostei de olhar nos olhos das pessoas, eles me passaram amor e bondade.
- Desenhei uma pessoa com a roupa na cabeça, sou eu, que na infância tinha que ajudar minha mãe a lavar roupa;
- Usei as cores rosa e azul porque quando era pequena os meus vestidos eram nessas cores.

A partir dos relatos mnemônicos, trazidos pelas vivências sensoriais, podemos chegar a algumas temáticas de discussão:

Primeiro, podemos reafirmar a relação existente entre a memória do corpo e a revitalização. Visto que as vivências das aulas invocaram experiências passadas não no sentido de uma rememoração explicativa, mas como uma transgressão da temporalidade imposta. O passado não foi trazido como uma vaga lembrança de algo que ficou para trás, mas como a reafirmação da capacidade de continuar sentindo o prazer em saborear a vida, como quando fazia antes. De modo que a lembrança corporal reafirmou uma identidade, além da que lhe é imposta no presente. Uma identidade construída como continuidade. Um jeito de dizer, ainda sou capaz de gozar a vida, tal como vivi anos atrás. Portanto, a memória revivida mostrou uma idealidade corporal poderosa para se constituir anárquica e subversiva das imposições biológicas e sociais do presente.

Segundo, nossa percepção, seja ela gustativa, auditiva, olfativa, visual ou tátil, acontece sempre presa a uma estrutura própria, uma estrutura vivencial daquilo que rodeia as experiências anteriores dos sujeitos. É a partir desta estrutura de apoio que o sujeito responde ao mundo. Daí observarmos que cada sujeito teve uma associação diferente para a percepção recebida. Isso nos leva a reafirmarmos, junto a Meyer (1988, p.90), que a memória é uma duplicação do vivido, o estímulo é percebido por uma reminiscência, e que o corpo não é puramente organismo, mas é cheio de lembranças. O corpo aparece nas falas dos idosos como uma superfície, na qual se grava de maneira definitiva a história de si mesmo, da família e da cultura de um povo. Desse modo, o corpo não é corpo simplesmente, mas corporeidade, uma entidade integral em que os acontecimentos vividos são inscrições, que permanecem, podendo ser evocadas ou não, mas também é uma associação do presente vivido com o passado evocado.

Terceiro, quando os idosos, na reflexão da vivido no Círculo de Cultura, trouxeram a experiência passada, compreendemos que a percepção do mundo (gustativa, olfativa, tátil, auditiva e visual) não é percepção primeira, mas percepção apoiada, visto ter como suporte para perceber as inscrições passadas. E não somente isso, pois perceber o mundo a partir do inscrito, não é “ressuscitar um morto”, mas re-significá-lo. Por isso, afirmamos que o corpo se move sempre em duas direções, externamente com deslocamentos espaciais e internamente com o tempo rítmico. O movimento externo provoca o movimento interno e o movimento interno dá sentido ao movimento externo. Mais que isso, quando o corpo sólido, palpável, presente e vivido se distingue, ao mesmo tempo em que se associa, ao corpo ausente, imaterial, etéreo, o passado se atualiza e se enriquece.

Quarto, observamos, pelas falas, que os sentidos são distintos e complementares para a constituição do vivido. As percepções auditivas demonstraram seu poder em produzir esquecimentos e lembranças, ao mesmo tempo. Um som faz esquecer, outro faz lembrar. Foram essas percepções que mais produziram emoções, saudades de momentos da vida e de pessoas da rede familiar. Foi também o sentido que desencadeou, mais fortemente, o estado de humor dos participantes. A música pôde acalmar, “desestressar” e impulsionar, fazer vibrar intensamente. Uma percepção que produz esquecimento e lembrança, ao mesmo tempo, só pode ser poderosa o suficiente para tornar o corpo sólido em um corpo de devaneio, vagando por épocas distantes da vida, sendo capaz de não mais se envolver com as preocupações do cotidiano. A emoção é uma coordenada de ação, no entender de Maturana (1999). De modo que as vivências auditivas relacionaram-se com a saudade de pessoas que não estão mais presentes, ao retorno a um lugar ou um tempo idílicos, de um tempo de não-estresse, de morte e de vigor.

O sentido do olfato foi o que produziu memórias mais primitivas. Lembranças da mãe. Lembranças de comidas. Recordações da meninice. Isso porque o olfato, diferente dos demais sentidos, está ligado ao cérebro primitivo, pertencente ao sistema límbico. Além disso, segundo Bernard (1988, p.3), o olfato está em perpétua renovação: “trocamos de neurônios sensoriais a cada ano, de cílios olfativos a cada dia e de quimiorreceptores a cada trinta minutos”. Por isso afirma:

O olfato é ao mesmo tempo o sentido mais corporal ou orgânico, considerando-se a primitividade de sua infra-estrutura cerebral e a intensidade física de suas impressões, e o sentido menos corporal, na medida em que ele subverte e questiona a imagem dominante de um corpo uno e permanente, de uma forma somática, sempre circunscrita e organizada. Ao cheirar um perfume, o que eu achava e o que eu acho, através da vista e do tato, ser meu corpo, se dissolve ou se dilui nos eflúvios olfativos e, em razão disso, escapa a qualquer sentimento de propriedade. (BERNARD, 1988, p.5).

As memórias olfativas se impuseram à consciência imediata dos idosos de maneira intensa, em contrapartida, dos seus conteúdos permanecerem evanescentes, meio incertos. E mais este sentido remeteu ao sentido do paladar, porque eles estão intrinsecamente relacionados, o cheiro que lembra o sabor daquela comida preparada pela mãe, quando criança. O gosto esteve relacionado com a aventura, com experimentar o novo. Também trazendo a lembrança da mesa, da celebração com a família, da afetividade com as figuras parentais. O fato é que em ambos a vitalidade, pelo prazer, foi despertada nos idosos.

As vivências do tato despertaram a memória corporal do acolhimento, do cuidado, da necessidade de amar e ser amado. Despertou a espiritualidade, pelos gestos de humildade, do lava pés, de valores como solidariedade e pureza. A memória tônico-cinestésica foi despertada ao receber o toque ou ao tocar o outro. Foram vivências que evocaram gestos de carícias, de cuidados maternos, de relações fraternais. Foi o sentido das trocas, de colocar o idoso em relação, perceber-se como integrado numa trama de amores. Foi nesse sentido que vimos o grupo mais falante, mais ansioso por comentar suas lembranças, isso porque, segundo Meyer (1988, p. 92), “a configuração cinestésico-espacial do gesto parece poder, por antecipação motora, preparar o terreno para a expressão verbal”.

A visão apareceu relacionada com o tato, pois foi nas vivências com a visão que emergiram sentimentos de acolhida, valores da bondade e solidariedade, bem como, sentimentos: de inveja e de competição. Essa semelhança é porque a percepção visual exige uma resposta tônica, uma função postural. Foi o sentido que menos remeteu a memórias passadas, e quando fez, esteve relacionada a roupa e aos serviços domésticos que eram desenvolvidos. Estas memórias estão muito relacionadas ao tato, o vestido que cobre o corpo, sua cor atraindo a atenção dos outros. É o tema do olhar do outro que este sentido desperta. Desde criança que desejamos um olhar bondoso, que nos aceite e nos admire. Ou ainda as memórias dos serviços realizados com as mãos que serviam, despertando as flutuações tônicas de tensão e relaxamento.

Por fim, destacamos que como todas essas vivências foram dadas conjuntamente percebemos no grupo uma formação afetiva despertada nos aspectos da partilha, da fraternidade, da demonstração pelo interesse pelo outro e da espiritualidade. Essas vivências sensoriais produziram uma unidade no grupo que não existiam, os vínculos se tornaram cada vez mais fortes. Eles relatavam que os momentos de reunião do grupo passaram a ser definidos como algo de primeira importância. A partir das vivências sensoriais os vínculos sociais foram estabelecidos não só entre os membros do grupo, mas foi ampliado em relação às demais pessoas (parentes e pessoas do convívio social), pois a participação deles na comunidade passou a ser mais efetiva.

Considerações Finais

Concluimos a partir dos temas discutidos anteriormente que este projeto educativo de sensorialidade, objetivando revitalizar os sentidos corporais dos idosos, despertando-os como lugar fundamental de prazer, tem demonstrado sua eficiência. Prova disso é este primeiro trabalho em que analisamos o modo como às vivências reconstituíram a temporalidade vivida e re-significaram os seus reconhecimentos, não apenas identificação mnemônica, artefato de uma racionalidade explicativa, mas desejo de transgredir a vivência presente, de uma afirmação implícita do poder de um Sujeito de julgamento.

Assim, nesse processo educativo que temos desenvolvido com os idosos temos percebido como é ambíguo não só o conceito de corpo, mas também o de memória ou de temporalidade mnemônica. Visto que as falas dos idosos, longe de lembrar o peso orgânico de uma corporeidade primitiva, a sensorialidade da memória, desconstrói a imagem de seu referente anatômico, que ela faz estilizar. Na memória corporal do idoso há uma dupla teatralidade: a da vivência temporal e a do imaginário corporal. É nessa atitude que continuaremos reinvestindo nos sentidos como uma forma de fazer o corpo rememorar e potencializar a consciência com a vontade de viver.

Referências

- APOSHYAN, S. **Inteligência natural**. SP: Manole, 2001.
- BERNARD, M. A inquietante estranheza da memória ou a temporalidade paradoxal de uma corporeidade evanescente. In: HERMANT, G. **O corpo e sua memória: atualização em psicomotricidade**. SP: Manole, 1988, p. 3-9.
- BRANDÃO, C.R.; STRECK, D.R (Org.) **Pesquisa participante**. SP: Idéias e letras, 2006.
- BRASIL. Lei nº. 10.741 de 01/10/2003, **Estatuto do Idoso**. Brasília: 2004.
- CASTELS, B. Memória do corpo e identidade. In: HERMANT, G. **O corpo e sua memória: atualização em psicomotricidade**. SP: Manole, 1988, p. 9-11.
- DORIA, Francisco. **O corpo e a existência: psicanálise do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 11.ed. SP: Paz e Terra, 1980.
- GOMES DA SILVA, Pierre Normando. **A cultura do jogo e o jogo da cultura: por uma semiótica da corporeidade**. 2003, 350 fl. Tese (Doutorado em Educação) – CCSA/UFRN, Natal.
- GOMES DA SILVA, Pierre Normando. Corporeidade. Entrevista. GONSALVES, E.;FORASTIERI, R.;SINFRONIO,L. **Trajetórias entrelaçadas**. João Pessoa: Scanner, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese dos indicadores sociais 2000**. Rio de Janeiro- IBGE, 2001. Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil. 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. www.ibge.gov.br.
- MEYER, M.C. psicomotricidade: memória corporal e educação. In: HERMANT, G. **O corpo e sua memória: atualização em psicomotricidade**. SP: Manole, 1988, p. 89-94.
- MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. RJ: Vozes, 1998.
- MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. RJ: Vozes, 1996
- MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. BH: UFMG, 1999.
- MELEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. SP: Martins Fontes, 1994
- MONTAGU, Ashley. **Tocar: o significado humano da pele**. 7.ed. SP: Summus, 1998
- PICKLES et al. **Fisioterapia na Terceira Idade**. 2. ed. Santos, 2000.

SOUBIRAN, G.H. Sobre a memória em psicomotricidade e a relaxação psicossomática. In: HERMANT, G. **O corpo e sua memória**: atualização em psicomotricidade. SP: Manole, 1988, p. 12-18.

Pierre Normando Gomes da Silva, R. Pres. Roosevelt, n.128, apt. 101, Expedicionários, João Pessoa- PB. CEP: 58.040-730. Fone: 3216.7030 (DEF). pierrenormandogomesdasilva@gmail.com